

A RELAÇÃO ENTRE ARTE E MORAL EM SANTO TOMÁS DE AQUINO

MATHEUS MONTEIRO REDIG DE OLIVEIRA¹
SÉRGIO RICARDO STREFLING²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – matheus.redig@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – srstrefling@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, pretendemos analisar de que maneira o filósofo escolástico dominicano Santo Tomás de Aquino (1225-1274) estabeleceu na sua filosofia a relação entre arte (o fazer artístico, normalmente descrito no inglês por *making* e associado às artes servis e às artes do belo) e a moralidade humana.

É célebre a definição que Tomás nos deixou sobre o belo: “Para a beleza, requerem-se três coisas. Primeiro, sem dúvida, a integridade ou perfeição: as coisas que são diminutas, com efeito, são por isso mesmo feias. E a devida proporção ou consonância. E ainda a claridade: daí que se digam belas as coisas que têm cores nítidas” (ST I q. 39, a. 8). No entanto, Tomás não nos deixou um tratado sobre a arte e sobre o belo, de forma que os resultados de nossa pesquisa dependem de uma sondagem minuciosa dos textos em que Tomás escreve sobre categorias atinentes à estética e à filosofia da arte.¹²

Mais do que se deter nas obras de Tomás — dentre as quais, para o nosso propósito, destaco o *Tratado das virtudes em geral* localizado na *Primae Secundae* da abrangente *Suma de Teologia* —, pretendemos dar um passo além e situar a concepção tomista de arte no contexto do debate estético contemporâneo.

Convém salientar, portanto, que o debate contemporâneo sobre a avaliação moral da arte divide-se em duas posições centrais: o *autonomismo*, tese que propõe, em diferentes graus, a autonomia do domínio estético em relação ao domínio ético, dividindo-se em *autonomismo extremado* e *autonomismo moderado*; e o *moralismo*, que propõe, em diferentes graus, a subordinação destes domínios, dividindo-se em *moralismo extremado*, *eticismo* e *moralismo moderado*. Dito de um modo geral, segundo o “autonomismo extremado”, uma obra de arte nunca é moralmente avaliável, ou, caso seja moralmente avaliável, os defeitos morais de uma obra de arte nunca são defeitos estéticos (“autonomismo moderado”). Já quanto à segunda tese, temos o “moralismo extremado”, segundo o qual o único

¹ “Apesar de toda a variedade de ‘sistemas’ de artes medievais, seu objetivo sempre foi distinguir, não entre as artes úteis e as artes úteis, mas entre as artes dignas e as artes manuais... qualquer distinção entre arte e ofício era impedida pela distinção entre artes liberais e artes servis... O resultado foi que Tomás de Aquino não forneceu nenhuma definição de arte” (ECO, 1988, p. 181–3, tradução nossa). No entanto, tentaremos demonstrar que, se Aquino não desenvolveu uma teoria sistemática sobre a arte, é possível, no entanto, desenvolvê-la a partir de bases que o autor estabeleceu na sua produção filosófica.

² Ademais, conforme observa Ivanov (2006, p. 6), também nos deparamos com uma dificuldade de vocabulário, uma vez que a palavra *estética* é uma terminologia anacrônica em relação à linguagem adotada pelos teóricos medievais. Considerado o fundador da Estética, Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) definiu este campo teórico da seguinte forma: “A Estética (como teoria das artes liberais, como gnosiologia inferior, como arte de pensar de modo belo, como arte do análogo da razão) é a ciência do conhecimento sensitivo” (Alexander Gottlieb Baumgarten, *Estética, A Lógica da Arte e do Poema*, p. 105-120). No entanto, adotaremos o termo *estética* tendo em vista que um dos nossos objetivos na pesquisa é aproximar Santo Tomás do debate estético contemporâneo.

valor de uma obra de arte é o seu valor moral. Caso esta obra tenha uma pluralidade de valores, o “eticismo” defenderá que uma obra de arte é sempre defeituosa esteticamente na medida em que é defeituosa moralmente. O “moralismo moderado”, por sua vez, defenderá que isto ocorre apenas em certas ocasiões. (PEEK, 2005)

No século XX, antes de se consolidar a taxonomia atual supracitada, o tema da relação entre arte e moral na obra de Aquino já pululava o pensamento de autores neotomistas feito Étienne Gilson (2010) e Jacques Maritain (1974). Sendo assim, convém questionar: de que maneira Aquino associa a arte e a moral tendo em vista a avaliação crítica das obras consideradas belas (ou artes do belo)? Seria possível classificar o pensamento de Aquino como precursor de uma das duas posições dominantes no debate atual? Se sim, Aquino seria autonomista ou moralista? E em que grau? De que modo a distinção entre arte e prudência (ambas virtudes práticas) pode esclarecer o tema?

Com efeito, o que pretendemos demonstrar através da atual pesquisa, se formos ao seu final bem-sucedidos, é que Santo Tomás defende a subordinação intrínseca entre a arte e a moral, de modo que seu pensamento se identificaria, aproximadamente, com uma posição intermediária entre o moralismo extremado e o eticismo. Para chegar a esse objetivo, pretendemos rediscutir a relação entre arte e prudência e o modo como essa relação não sustenta a tese autonomista.

2. METODOLOGIA

Para a realização da presente pesquisa, adotou-se, fundamentalmente, uma metodologia de caráter bibliográfico. Com efeito, se empreendeu, em primeiro lugar, uma exegese minuciosa dos textos tomistas atinentes à arte, à virtude, à prudência e ao belo. Para uma análise mais profunda dos conceitos aí desenvolvidos, se utilizou tanto as edições em latim como suas traduções vernáculas. Em seguida, se buscou elucidar e/ou interpretar as concepções de arte, virtude e belo a partir dos estudos elaborados por renomados especialistas brasileiros e estrangeiros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma chave de interpretação para desamarrar as dificuldades exegéticas e ainda não totalmente conclusivas a respeito da relação entre arte e moral em Tomás, segundo nossa pesquisa, dá-se pela relação entre arte e prudência. Convém pontuar que Tomás define arte do seguinte modo: “a razão reta de acordo com a qual fazemos certas obras” (ST I-II Q. 57, a. 3.) e também a define num sentido mais amplo como “uma ordenação certa da razão pela qual os atos humanos alcançam por determinados meios o fim devido” (proêmio ao Comentário aos “Segundos Analíticos” de Aristóteles, n. 1, 2021). Além disso, referindo-se às virtudes intelectuais, Santo Tomás de Aquino, na linha de Aristóteles, examina cinco hábitos intelectuais. Três são os hábitos intelectuais especulativos: a sapiência, a ciência e o intelecto. Dois são hábitos intelectuais práticos: a arte e a prudência.

Sendo assim, destacamos que arte e prudência pertencem ao mesmo domínio prático e, portanto, guardam estreitas relações, distinguindo-se da seguinte forma:

Ora, a arte dá apenas a faculdade de obrar retamente, porque não diz respeito ao apetite. Ao passo que a prudência, não só dá a referida faculdade, como também o uso; pois, diz respeito ao apetite por lhe pressupor a retidão. E a razão desta diferença é que a arte é a razão reta que nos dirige naquilo que produzimos; ao passo que a prudência é a razão reta que nos dirige quando agimos. Ora, produzir e agir diferem; pois, como se disse, produzir implica um ato transitivo para a matéria exterior, como, edificar, cortar e outros; enquanto que agir implica um ato imanente no agente, como ver, querer e outros. (ST I-II, Q. 57, a. 4.)

Ou seja, destacamos o fato de que a diferença entre arte e prudência envolve uma adequada compreensão de onde cada uma dessas virtudes cumpre a sua finalidade intrínseca: no caso da prudência, cumpre no agente (ação); no caso da arte, no artefato (produção). Mas, ao contrário do que se pode supor, não decorre desta afirmação que a moralidade de uma obra de arte não seja uma condição necessária para sua própria beleza estética. Tomás, na verdade, apenas ressalta que certas condições morais para o agente humano prudente não interferem no propósito mesmo do artefato produzido pelo artífice ou artista. Essas condições pertencem a domínios distintos. Porém, não se deriva dessa assunção que não haja nenhuma relação ou apenas uma relação remota entre arte e prudência, e nem que o artefato é totalmente alheio a qualquer juízo moral. Os autores que partem dessa premissa alcançam resultados incorretos que não estão presentes no texto de Santo Tomás de Aquino. Contra esses autores, concluímos que a arte, não diferente da prudência, é pertencente “à totalidade e ao último fim da vida humana” (ST I-II, Q. 7, a. 4), e, assim, é possível revigorar a doutrina tomista dentro do debate estético contemporâneo.

4. CONCLUSÕES

Portanto, conforme o desenvolvimento de nossa atual pesquisa de caráter bibliográfico, julgamos necessário pontuar que, em relação às perguntas elencadas na primeira seção, Tomás, ao que evidências textuais indicam, se não adota um moralismo extremado, por certo considera a relação entre arte e moralidade em termos mais estreitos que os adeptos do autonomismo, destacando a relação entre arte e prudência. À esta altura, convém desdobrar essas conclusões numa mais abrangente elucidação do grau de relação entre arte e prudência na obra do Doutor Angélico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, Umberto. **The Aesthetics of Thomas Aquinas**, trans. Hugh Bredin, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.

GILSON, Étienne. **Introdução às Artes do Belo - O Que É Filosofar sobre a Arte?**, tradução de Érico Nogueira, São Paulo, É Realizações, 2010.

IVANOV, Andrei. **A noção do belo em Tomás de Aquino**. 2006. 163f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

MARITAIN, Jacques. **Art and Scholasticism and The Frontiers of Poetry**. Notre Dame and London: University of Notre Dame Press, 1974.

PEEK, Ella, Ethical Criticism of Art, **Internet Encyclopedia of Philosophy**, <https://iep.utm.edu/ethical-criticism-of-art/>, Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

TOMÁS DE AQUINO. **Quaestiones disputatae de veritate**. Romae, Commissio Leonina, tomo 22, 1972.

TOMÁS DE AQUINO. **Summa theologiae**. Roma, Edizioni Paoline, 1962.

TOMÁS DE AQUINO. **Opera Omnia**. Em: <http://www.corpusthomicum.org/iopera.html>, 2004.

TOMÁS DE AQUINO. **Comentário aos Segundos Analíticos**, Ed. Unicamp, 2021.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Tradução: Alexandre Corrêa. São Paulo: Ecclesiae, 2016. 5 v